

João Villaret

"Fado falado"

Visit "[Fado falado](#)" on MotoLyrics.com

Fado triste
fado negro das vielas
onde a noite quando passa
leva mais tempo a passar
ouve-se a voz
voz inspirada de uma raíça
que mundo em fora nos levou
pelo azul do mar

Se o fado se canta e chora
também se pode falar

Mãos doloridas na guitarra
que desgarra dor bizarra
mãos insofridas, mãos plangentes
mãos frementes e impacientes
mãos desoladas e sombrias
desgraçadas, doentias
quando é traição, ciume e morte
e um coração a bater forte

Uma história bem singela
bairro antigo, uma viela
um marinheiro gingado
e a Emília cigarreira
que ainda tinha mais virtude
que a própria Rosa Maria
no dia de procissão
da Senhora da Saúde

Os beijos que ele lhe dava
trazia-os ele de longe
trazia-os ele do mar
eram bravios e salgados
e ao regressar é tardinha

o mulhierio tagarela
de todo o bairro de Alfama
cochichava em segredinhos
que os sapatos dele e dela
dormiam muito juntinhos
debaixo da mesma cama

Pela janela da Emília
entrava a lua
e a guitarra
À esquina de uma rua gemia,
dolente a soluçar.
e Lá em casa:

Mãos amorosas na guitarra
que desgarrava dor bizarra
mãos frementes de desejo
impacientes como um beijo
mãos de fado, de pecado
a guitarra a afagar
como um corpo de mulher
para o despir e para o beijar

Mas um dia,
mas um dia santo Deus, ele não veio
ela espera olhando a lua, meu Deus
que sofrer aquele
o luar bate nas casas
o luar bate na rua
mas não marca
mas não marca a sombra dele
procurou como doida
e ao voltar da esquina
viu ele acompanhado
com outra ao lado, de braço dado
gingando, feliz, leviando
um ar fadista e bizarro
um cravo atrás da orelha
e preso à boca vermelha
o que resta de um cigarro
lume e cinza na viela,
ela vê, que homem aquele
o lume no peito dela
a cinza no olhar dele

E então o ciúme chegou como lume
queimou, o seu peito a sangrar
foi como vento que veio
labareda atear, a fogueira aumentar
foi a visão infernal
a imagem do mal que no bairro surgiu
foi o amor que jurou
que jurou e mentiu
correm vertigens num grito
direito ou maldito que há-de perder
puxa a navalha, canalha
não há quem te valha
tu tens de morrer
há alarido na viela
que mulher aquela
que paixão a sua
e cai um corpo sangrando
nas pedras da rua

Mãos carinhosas, generosas
que não conhecem o rancor
mãos que o fado compreendem
e entendem sua dor
mãos que não mentem
quando sentem
outras mãos para acarinhar
mãos que brigam, que castigam
mas que sabem perdoar

E pouco a pouco o amor regressou
como lume queimou
essas bocas febris
foi um amor que voltou
e a desgraça trocou
para ser mais feliz
foi uma luz renascida
um sonho, uma vida
de novo a surgir
foi um amor que voltou
que voltou a sorrir

Há gargalhadas no ar
e o sol a vibrar

tem gritos de cor
hã; alegria na viela
e em cada janela
renasce uma flor
veio o perdã£o e depois
felizes os dois
lã; vã£o lado a lado
e digam lã; se pode ou nã£o
falar-se o fado.

Visit [João Villaret](#) page on MotoLyrics.com, to get more lyrics and videos.

[MotoLyrics.com](#) | Lyrics, music videos, artist biographies, releases and more.